

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

HÁBITOS QUE NOS DEFINEM

VANDA MARIA JACINTO

Escritora, autora do livro *Rabiscando os caminhos da prosa*.

v.m.j@hotmail.com



Eu sempre me senti fascinada pelos hábitos e costumes que praticamos no nosso dia a dia. Desde pequenos rituais como acordar no mesmo horário, escovar os dentes, fazer um desjejum saudável, e prosseguir com as atividades corriqueiras, até os ensinamentos que nos foram ou ainda são ensinados pelos familiares de geração a geração.

Assim pensando nisso, nossa personalidade, em eterna evolução, vai seguindo os hábitos mesclando-os com o que nos foi repassado pelos nossos pais, pelos bancos escolares que frequentamos e pela nossa experiência de vida.

Relembrando as práticas regulares, que ainda conservo, estão: Acreditar em Deus; transmitir aos dependentes tudo o que me foi ensinado de bom; respeito a todas as pessoas, mas, em especial, aos mais velhos; acordar cedo; ler antes de dormir; não dormir com a barriga cheia, comemorar as datas festivas com refeições esmeradas e casa cheia de pessoas queridas – Natal, Ano Novo, Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais –, e tantas outras que nos completam.

O mais interessante disso tudo é que esses hábitos e costumes apresentam diferenças ou semelhanças entre famílias, comunidades, cidades, estados, países, enfim, no mundo.

Considerando o nosso país, são muitas as diversidades entre suas regiões, que vão se afunilando até chegar ao pessoal. Sejam elas geográficas, tradições culturais, sociais, familiares etc.

Quando cheguei aqui a Mossoró, na década de oitenta, estranhei muito! A começar pelo clima quente e seco, onde o sol escaldante, reina absoluto! A

falta de árvores pelas ruas. Aqui acolá, avistávamos uma algaroba – árvore, segundo alguns moradores mais antigos, advinda da África. Uma vez, questionando o porquê de não se plantar mais árvores na cidade, foi-me dito: Ou se bebe água, ou se dá para as plantas. Na ocasião, o tutorial da água foi-me apresentado: A água é coletada dos telhados durante as chuvas – além de escassa e sem nenhum tratamento, era reservada em cisternas e utilizada a conta-gotas durante o ano em curso. Até a chegada de um novo inverno – quando chegava.

Fiquei chocada! Mas, aprendi com o tempo. Nos quintais, algumas árvores frutíferas, de preferência aquelas que sobreviviam com poucas regas – água reaproveitada de lavagem de roupa, de louça e de banho. A alimentação, praticamente composta de arroz, feijão, farofa, macarrão e carne. Vezes perdidas, uma maionese de batata e cenoura. A ausência de legumes e folhas criava um vazio tremendo no meu cardápio. Na COBAL ainda se encontrava cenouras e batata inglesa – murchas. Pimentão, tomate, coentro e cebolinha se resumiam, e, ainda hoje, são considerados temperos. De qualidade mesmo, só batata doce, dois tipos de jerimum – caboclo e de leite, além do maxixe. Frutas? Só regionais e da época. Depois de muitos anos, com a melhora da logística nos transportes, começaram a aparecer novidades nos alimentos – e, por que não dizer, em todas as áreas de consumo?

Para a alegria de muitos, poços artesianos foram perfurados e, aos poucos, a água encanada na torneira passou a ser uma realidade. Já não dependíamos tanto das chuvas. Embora racio-



nada também, a água pura jorrava aos nossos olhos.

Tudo foi ganhando vida depois desse milagre. Hábitos e costumes foram mudados, ou melhor, adaptados à modernidade dos tempos.

Na alimentação, houve um boom! O plantio de novos viveiros teve início, além de virem de outros regiões também.

As raríssimas árvores de antigamente – que se resumiam às velhas algarobas – hoje, cada vez mais extintas, agora dividiam espaços com as acácias amarelas. Toda frente de casa tinha um pé de acácia. Depois, vieram os pés de ficus – rajados, lisos, brilhantes; até se descobrir que as suas raízes, à procura de água, destruíam os encanamentos das casas. A seguir, surgiram as craibeiras amarelas e o neem indiano. As

craibeiras são consideradas o ipê-amarelo-do-cerrado, ou ipê do semiárido nordestino. Elas enfeitam as nossas avenidas e ruas secundárias. O neem indiano, por ser uma planta com boa resistência à seca, de crescimento rápido, fornecendo uma boa copa, sombreado os espaços, tem sido muito plantado. Dizem que tem ação repelente.

Colocar uma cadeira na calçada e prostrar com os vizinhos também era hábito. Hoje, com a criminalidade tão grande, raras vezes vemos alguém assim. Sem contar que os condomínios tomaram o lugar das casas, crescendo isolados por muros ou colocando os moradores na vertical, impossibilitado também aquela conversinha de fim de tarde.

Há pouco mencionei festas e

não posso deixar aqui de relembrar os hábitos das festas juninas: acender fogueira, assar milho, comer canjica e pamonha, ouvir a sanfona e conversar até tarde. Quase não vemos mais nada disso.

E, assim, vamos nos adaptando ao novo, mas nunca nos esquecendo dos hábitos antigos, principalmente aqueles que representam nossas tradições. Estamos ligados a tudo e a todos faz parte da nossa vida.

Eu, por exemplo, adquiri o hábito de escrever. Seja um poema, uma crônica, um cordel; sempre estou aqui a trazer reminiscências e observações da vida. Este é um hábito que hoje me define.

E, você, já parou para observar o que em sua vida é um hábito? Pense nisso.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_rn

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE: Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN – CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS: (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685

AS COLUNAS E MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

